# A ARTE E OS ARTISTAS

A transcrição de Vargas Vila feita no último número desta Revista e algumas conversas com um *Habilidoso* da pintura, daquêles que «não passam das cabeças de estudo...» como diz Diogo de Macedo, inspiráram-me estas linhas.

Novo, tendo tido sempre os braços abertos às coisas que são da minha época, às verdadeiras que não às acidentais, reputo de traidores à sua idade aquêles que, sendo novos, têm os olhos osbstinadamente pregados naquilo que passou. Não é que aquilo que passou não tenha valor; tem-no realmente e muitas das vezes maior do que presentemente se faça. Mas o passado tem valor integrado na sua época. Examinar, à luz do nosso século, da nossa ética, uma Cruzada, um contracto à Shylock que exige uma libra de carne do peito como garantia suficiente para um empréstimo, é êrro crasso. Para bem avaliar duma acção ou atitude, é forçoso ter a noção da prespectiva, do ambiente.

O papel dos cruzados desempenha-lo-ia, hoje, a diplomacia, e Shylock não caíria no absurdo da libra de carne e pediria, muito simplesmente, um fiador...

Confrange-me ver certos rapazes freqüentando as nossas escolas, principalmente as de arte, agarrados a uma adoração estagnadora daquêles que souberam ser grandes no seu tempo.

Ali se agarram como lapas à rocha e, embevecidos nessa admiração de boi para palácio, procuram imitar, que digo eu? copiar, e fazem-no tão mal que, perante os seus abortos, nós sentimos a mesma impressão do patrício afastado de pequeno para muito longe e que, já velho, volta à pátria e só sente a desolação onde deixara o confôrto. Fazem coisas que nada nos dizem, bonecos mais bem ou mais mal feitos e nada mais...

Concepção? Nenhuma. Arte? Se alguma têm, não é deles. E êste vácuo, esta desolação, encontramos nós nos Salões de Exposição e nos espíritos dos artistas.

Felizmente que nem todos são assim, mas os que se salvam estão àparte, em tôrres de marfim porque a isso os obriga a cretinice do meio. Dêstes se falará um dia para sempre, dos outros? ái dos outros, que nada deixarão para bem de todos nós.

A culpa? Se fôssemos à procura dos verdadeiramente culpados, até nós, que temos um espírito francamente aberto para aquilo que realmente vale, teríamos nela uma cota parte!

Fartas vezes tenho ouvido dizer ao *Habilidoso* a que me refiro que a cul-